



CLIVE
CUSSLER



RAISE THE
TITANIC!

CLIVE CUSSLER

Titanic

Círculo de leitores

Título original:
RAISE THE TITANIC!

PRÓLOGO

Abril de 1912

O homem que ocupava o camarote 33 no convés A agitou-se e voltou-se no seu estreito beliche. Tinha o rosto suado e a mente atormentada por um pesadelo. Era um homem baixo, talvez menos que um metro e sessenta, cabelos brancos e ralos e feições suaves, em que apenas realçavam as espessas e escuras sobranceiras. Cruzara as mãos sobre o peito e torcia os dedos num ritmo nervoso. Aparentava cinqüenta e tantos anos. A pele tinha a cor e o aspecto de uma calçada de cimento e rugas profundas sobressaíam — lhe por baixo dos olhos. Contudo, completaria apenas trinta e quatro anos daí a dez dias. O desgaste físico e a tormenta psicológica em que vivera nos últimos cinco meses tinham — no levado a um estado tal que quase tocava as raias da loucura.

Durante as horas em que permanecia acordado, a sua mente divagava por caminhos desconhecidos, perdendo a noção do tempo e da realidade. Precisava fazer um esforço constante para se lembrar onde se encontrava e que dia era. Estava ficando louco. E o mais trágico de tudo é que ele tinha consciência disso. Abriu os olhos em sobressalto e fixou a ventoinha silenciosa que pendia do teto do camarote. Passou as mãos pela face e sentiu a barba já de duas semanas. Não precisou examinar as suas roupas, pois bem sabia que elas deviam estar sujas, amarrotadas e manchadas pela transpiração conseqüente do seu estado de nervos. Deveria ter tomado um banho e ter mudado de vestuário assim que embarcara, mas em vez disso havia se atirado para cima do beliche e, embora com interrupções, dormido um sono povoado de fantasmas que durara quase três dias.

Estava-se num domingo, a noite ia adiantada e o navio não devia atracar ao cais de Nova Iorque antes de quarta-feira pela manhã, daí portanto há pouco mais de cinqüenta horas. O homem procurou convencer-se de que estava agora fora de perigo, porém a sua mente recusava-se a aceitar tal coisa, embora aquilo que tinha custado tantas vidas estivesse absolutamente seguro. Pela centésima vez, apalpou a chave no bolso do seu colete. Satisfeito por ela ainda ali se encontrar, esfregou com a mão a testa brilhante e fechou os olhos uma vez mais. Não poderia precisar o tempo que se passou enquanto cochilava.

Porém, alguma coisa o acordou com uma sacudidela. Não se tratava de um ruído forte nem fora um movimento violento; antes consistira num tremor do seu colchão seguido de um ruído estranho, como se alguma coisa tivesse sido triturada algures por baixo do seu camarote de estibordo. Ergueu-se de repente e ficou sentado, imóvel, na beira do beliche. Poucos minutos se passaram e uma calma invulgar se apoderou do navio, não se ouvindo mais qualquer vibração.

Foi então que a sua mente toldada percebeu a razão daquilo. As máquinas haviam parado. Ali permaneceu sentado, à escuta, mas os únicos sons que lhe chegavam eram os breves gracejos dos criados de bordo, no corredor, ou a conversa abafada nos camarotes anexos. Foi então possuído por uma terrível sensação de desconforto. Qualquer outro passageiro teria ignorado aquela pausa e continuado a dormir, mas, achando-se ele a um passo de um esgotamento nervoso, a mais leve impressão chegava-lhe imensamente avolumada devido aos seus superexcitados sentidos.

Os três dias que passara fechado no seu camarote, sem comer nem beber, revivendo os horrores dos últimos cinco meses apenas tinham servido para agravar os indícios da insanidade que rapidamente se ia apoderando da sua mente. Abriu então a porta e caminhou pelo corredor com passo inseguro até atingir a escadaria. As pessoas riam e tagarelavam ao dirigirem-se para os seus camarotes, vindas do salão de convívio. Olhou para o ornamental relógio de bronze ladeado por duas figuras em baixo-relevo que se encontrava no patamar entre dois lances da escadaria. Os ponteiros dourados marcavam 11:51 hs.

Um criado de bordo que se encontrava junto de um pomposo candelabro, na base da escadaria, olhou-o desdenhosamente. Fazia-o sem dúvida por ver como um passageiro tão mal vestido passeava pelas dependências destinadas à primeira classe, cujos ocupantes, vestindo elegantes trajos de noite, pisavam ricos tapetes orientais.

— As máquinas... pararam — disse ele pesadamente.

— Provavelmente para alguma afinação de pouca importância — respondeu o criado. — Num navio novo e fazendo a sua primeira viagem... é natural que surjam alguns pequenos contratempos. Mas não é o caso para preocupações. Como todos nós sabemos, este navio não pode ir ao fundo.

— Uma vez que é feito de aço, pode afundar-se — disse o homem esfregando os olhos avermelhados. — Penso que vou dar uma olhadela até ao convés.

O criado meneou a cabeça.

— Eu não o aconselharia, cavalheiro. Lá fora está terrivelmente frio.

O passageiro de fato amarrotado encolheu os ombros. Estava habituado ao frio. Virando-se, subiu um lance de escadas e transpôs uma porta que dava para o convés principal. Quase retrocedeu, pois parecia que mil agulhas o estavam espetando. Após ter passado três dias no aconchego confortável do seu camarote, sentiu como que um choque ao receber no rosto o ar exterior a uma temperatura de meio grau abaixo de zero. Não se fazia sentir o menor vento; apenas uma camada de ar frio e cortante, vinda do céu sem nuvens, envolvia o navio.

Levantando a gola do casaco, caminhou em direção à amurada. Debruçou-se, mas apenas distinguiu o mar negro e sereno como o lago de um jardim. Em seguida olhou para a ré. O convés principal, desde o passadiço situado depois dos camarotes dos oficiais até à abertura elevada do salão de fumo da primeira classe, encontrava-se totalmente deserto. Somente a fumaça que se elevava preguiçosamente das três primeiras e enormes chaminés pintadas de preto e amarelo, o navio possuía quatro, e as luzes brilhando nas janelas do salão de estar e de leitura denunciavam a presença de vida humana.

A espuma branca ao longo do costado foi diminuindo, tornando-se negra à medida que o navio ia, vagarosamente, perdendo andamento e já mal deslizava silenciosamente sob aquele imenso manto de estrelas. O comissário de bordo saiu do aposento dos oficiais e olhou pela borda fora.

— Porque paramos? — indagou o homem.

— Devemos ter batido em qualquer coisa — disse o comissário sem se voltar.

— Terá havido algum rombo?

— Não é provável, cavalheiro. Mas se houver necessidade de algum vazamento, as bombas de esgoto se encarregarão desse assunto.

De repente soou um trovejar ensurdecedor, como se cem locomotivas de Denver e do Rio Grande, ribombando ao mesmo tempo dentro de um túnel, irrompessem dos oito condutos de exaustão. Enquanto levava as mãos aos ouvidos, o passageiro reconheceu a causa daquilo. Lidara com máquinas por um período suficientemente longo para saber que o vapor estava a ser lançado para o exterior através das válvulas de segurança, devido ao excesso de pressão conseqüente da paragem das máquinas principais. O terrível estrondo tornou impossível a continuação da conversa com o comissário.

Este voltou-se e observou os outros membros da tripulação, que apareciam agora no convés principal. Sentiu então um terrível nó no estômago quando viu que eles começavam a destapar os barcos salva-vidas e a desenrolar os cabos dos turcos. Ali permaneceu durante quase uma hora enquanto o ruído dos condutos de exaustão ia esmorecendo no meio da noite.

Agarrado à amurada e indiferente ao frio, quase não notava os pequenos grupos de passageiros percorrendo o convés principal numa estranha e calma forma de confusão. Um dos jovens oficiais do navio passou por ele. Não teria mais que vinte e poucos anos e a sua face possuía aquela coloração branco-leitosa tão tipicamente inglesa, assim como também era tipicamente inglesa aquela sua expressão de contido cansaço. Aproximou-se do homem junto à

amurada e bateu-lhe no ombro.

— Perdão, cavalheiro, mas o senhor deve colocar o seu colete salva-vidas.

O homem voltou-se vagarosamente e fixou-o.

— Vamos então mesmo afundar-nos, não é assim? — perguntou com voz rouca.

O oficial hesitou um momento, depois assentiu.

— A água está a entrar mais rapidamente do que a capacidade das bombas para a esgotar... — Quanto tempo ainda nos resta?

— É difícil dizer. Talvez mais uma hora, se as águas não atingirem as caldeiras.

— Mas que aconteceu? Não havia outro navio nas proximidades. Contra o que batemos?

— Um iceberg! Ele cortou o nosso casco. Uma falta de sorte danada!

O homem segurou o braço do jovem oficial com tanta força que ele estremeceu.

— Tenho de entrar no compartimento de carga.

— Há poucas possibilidades de conseguir isso, cavalheiro. O compartimento das malas do correio no convés está a ficar alagado e a bagagem já está flutuando.

— Preciso que me leve até lá.

O oficial tentou desprender o braço, mas sentiu-o preso como num torno.

— Impossível! As ordens que recebi são para cuidar dos barcos salva-vidas de estibordo.

— Qualquer outro oficial poderá cuidar dos barcos — disse o passageiro em voz apagada. — Você vai mostrar-me o caminho para o compartimento de carga.

Foi então que o jovem oficial percebeu duas coisas incômodas. Primeira: uma expressão de loucura na face do passageiro; segunda: a boca de um revólver fazendo pressão contra os seus órgãos genitais.

— Faça o que lhe pedi — rosnou o homem — se quiser conhecer os seus netos.

O oficial olhou silenciosamente para a arma e depois ergueu os olhos. Alguma coisa dentro dele se transtornou repentinamente. Discutir ou resistir estava fora de questão. Aqueles olhos avermelhados lembravam duas brasas alimentadas pelo fogo da insanidade mental.

— Posso apenas tentar...

— Pois então tente! — retorquiu o passageiro. — Mas nada de truques. Seguirei sempre atrás de si. Qualquer gesto idiota da sua parte e eu meter-lhe-ei uma bala na espinha!

O homem colocou então discretamente o revólver no bolso do casaco, de forma que o cano da arma ficasse encostado às costas do oficial. Assim caminharam, sem dificuldade, apesar da multidão que se acotovelava, agora desordenadamente, no convés principal. O navio parecia outro. Já não havia risos, nem alegria, nem distinção de classes: ricos e pobres achavam-se agora irmanados pelos mesmos sentimentos de pavor.

Os moços de bordo eram as únicas pessoas que ainda riam e diziam banalidades, enquanto iam distribuindo os salva-vidas. Os foguetes lançados para assinalar o perigo iminente em que se encontrava o barco pareciam pequenos e ridículos sob a escuridão sufocante. O seu rebentar, como lágrimas brancas, mal era notado pelas pessoas que se achavam a bordo do navio condenado. Tudo isso constituía, aliás, um fundo irreal para os dolorosos e angustiantes adeuses de partir o coração e para as amargas expressões de derradeira esperança que se liam nos olhos dos homens ao içarem para os barcos salva-vidas as mulheres e os filhos.

Porém, o aspecto mais irreal e trágico desta cena deu-se quando a orquestra do navio, composta por oito figuras, se reuniu no convés principal com os seus instrumentos e as suas jaquetas claras. Começaram a executar a música de Ining Berlin: *Alexander's Raptime Band*.

O oficial de bordo, empurrado pelo revólver, ao pretender descer a escada principal, teve de lutar com aquela onda de gente que vinha subindo em busca dos barcos salva-vidas. O pequeno ângulo de inclinação para a proa estava a tornar-se cada vez mais acentuado. Ao descerem os degraus; os seus movimentos perdiam o equilíbrio. No convés B tomaram um elevador que os levou ao convés D.

O jovem oficial voltou-se e estudou o homem cujo estranho capricho o conduziria, inexoravelmente, a uma morte certa. Tinha os lábios cerrados sobre os dentes e os olhos como

que vidrados, num olhar distante. O passageiro ergueu o olhar e viu a expressão do oficial que o encarava. Por um longo período de tempo ficaram olhando um para o outro.

— Não se preocupe...

— Bigalow, senhor.

— Não se preocupe, Bigalow. Conseguirá safar-se antes que ele se afunde.

— Que compartimento de carga deseja o senhor?

— O cofre do compartimento número um, no convés G.

— O convés G está de certeza já alagado.

— Apenas podemos saber quando lá chegarmos, não acha?

O passageiro esboçou um movimento com o revólver que tinha no bolso do casaco no momento em que a porta se abriu. Saíram ambos do elevador e abriram caminho através das pessoas que ali se encontravam. Com um puxão, Bigalow rasgou o seu cinto de salvação e correu pela escada que levava ao convés E.

Chegado ali, parou e olhou para baixo: a água subia os degraus vagarosamente, mas de maneira persistente. Algumas luzes ainda estavam acesas sob a água fria e esverdeada, produzindo uma claridade fantasmagórica.

— Não vai ser possível. Veja o senhor mesmo.

— Existe algum outro caminho?

— As portas estanques foram fechadas logo após o acidente. Talvez possamos lá chegar usando as portas de emergência.

— Então vamos a elas.

Seguiram rapidamente através de um labirinto sem fim de passagens tortuosas, escadinhas e túneis. Bigalow fez então uma paragem e levantou a tampa de uma escotilha redonda. Ao olhar pela pequena abertura verificou que a água, surpreendentemente, apenas havia subido pouco mais de meio metro.

— Não há qualquer esperança — mentiu ele. — Está alagado.

O passageiro empurrou o oficial para o lado e olhou ele próprio.

— Está suficientemente seco para o que eu pretendo — disse ele lentamente. Depois, apontando o revólver para a escotilha: — Continue!

As luzes do teto continuavam acesas no compartimento, enquanto os dois homens se dirigiam para a casa-forte do navio, através da água. Os tênues raios de luz faziam brilhar os cromados dum enorme Renault que estava preso ao convés. Os dois homens tropeçaram e caíram por diversas vezes na água gelada, ficando com os corpos dormentes devido ao frio. Cambaleando como se estivessem embriagados, atingiram finalmente o cofre. Este consistia num cubo, situado no meio do compartimento de carga, com dois metros e quarenta de aresta. As poderosas paredes, de trinta centímetros de espessura, eram feitas de aço de Belfast.

O passageiro retirou então do bolso do colete uma chave que introduziu na fechadura. O sistema de abertura estava ainda um pouco perfo por ser novo, mas por fim os ferrolhos cederam produzindo um clique. Ele empurrou a porta e entrou no cofre. Foi então que o homem se voltou e sorriu pela primeira vez.

— Obrigado pela sua ajuda, Bigalow. Trate de subir rapidamente. Ainda há tempo para você.

Bigalow olhou-o intrigado.

— O senhor fica?

— Sim. Fico. Assassinei oito homens bons e honestos. Não posso continuar a viver com semelhante peso — disse ele com simplicidade e num tom que não admitia réplica. — O assunto está completamente encerrado. É tudo.

Bigalow ainda tentou falar, mas faltaram-lhe as palavras. O passageiro, fazendo sinal de que tinha compreendido, fechou a porta sobre si.

— Agradeço a Deus por Southby — disse ainda.

Bigalow sobreviveu. Venceu a corrida contra a água que subia e conseguiu atingir o

convés principal e atirar-se pela borda, apenas alguns segundos antes do navio se afundar. No momento em que o grande transatlântico mergulhou, a sua flâmula vermelha com a estrela branca, que estivera pendurada no topo do mastro de ré na calma podre daquela noite, drapejou de repente ao tocar a água, como num cumprimento final aos mil e quinhentos homens, mulheres e crianças que morriam de frio ou se afogavam nas águas geladas do oceano.

Um instinto cego levou Bigalow a estender o braço e agarrar a flâmula quando esta lhe passou ao alcance da mão. Antes, porém, que ele se desse conta, antes que pudesse avaliar o perigo do seu tresloucado ato, sentiu-se puxado para dentro de água. Mesmo assim continuou segurando a flâmula, recusando-se a largá-la.

Encontrava-se já a quase seis metros abaixo da superfície, quando a alça da flâmula se desprendeu da adriça, proporcionando-lhe a salvação. Foi então que ele procurou voltar à tona de água no meio daquela escuridão que o envolvia. Depois do que lhe pareceu uma eternidade, tornou a poder respirar o ar da noite e sentiu-se feliz por a sucção resultante do afundamento do navio o não ter apanhado.

Quase encontrou a morte naquela água gelada, cuja temperatura rondava os dois graus negativos. Mais dez minutos naquela temperatura de congelação e o número de vítimas daquela catástrofe ter-se-ia alterado ligeiramente. Um cabo o salvou: achava-se amarrado a um barco que se havia virado e, tendo deslizado ao alcance da mão, ele conseguiu finalmente agarrá-lo, quando as suas forças o estavam prestes a abandonar.

Bigalow, num último esforço, içou o corpo para cima do barco e ali, com mais trinta companheiros, partilhou aquela dolorosa dormência dos seus corpos quase congelados, até que quatro horas mais tarde foram, por fim, salvos por outro navio.

Os angustiantes gritos das centenas de pessoas que acabavam de se afogar permaneceriam para sempre nos ouvidos daqueles que sobreviveram. Mas, todo o tempo em que esteve agarrado àquele barco virado e quase submerso, Bigalow apenas se lembrava do estranho homem que para sempre ficara trancado no cofre do navio. Quem seria ele? E quem seriam os oito homens que ele afirmara ter assassinado? Que segredo conteria o cofre? Essas perguntas iriam perseguir Bigalow durante os próximos setenta e seis anos, até escassas horas antes do fim da sua vida.

I

O PROJETO SICILIANO

1.ª Tentativa — OCEANO ATLÂNTICO

*O barco de Koplín atracou aqui.
Posto de segurança Kama Mar de Barents Belush Ya Guba
Mez Dubarskiyl 50 ? Mina oculta Estação de mísseis Kelva
Montanha Bednaia Rússia Continental Mar de Kara NOVA ZEMBLA
0 25 60 75 ? 25 50 Milhas 80 Quilômetros*

Julho de 1987

O Presidente gritou na cadeira e, cruzando as mãos atrás da cabeça olhou, sem ver, através da janela do seu gabinete, maldizendo a sua sorte. Começara a odiar a sua posição com uma intensidade que nunca julgara possível. Percebera-o certa manhã em que lhe fora extremamente desagradável levantar-se da cama. Sentira nesse momento como todo o entusiasmo o abandonara. Tinha sido esse o primeiro sinal: a aversão de iniciar o dia. Tornou a pensar pela milésima vez nas razões que o tinham levado a lutar tão dura e longamente por essa ingrata posição, que lhe não trouxera, ao menos, nem o mais leve reconhecimento. O preço que pagara fora demasiado elevado. O seu caminho político fora marcado pelos cadáveres de alguns amigos, além de um casamento fracassado. Logo que prestou juramento, foi o seu Governo sacudido por um escândalo no Departamento do Tesouro, uma guerra na América do Sul, uma greve nacional da aviação comercial e um Congresso hostil, que tinha perdido a confiança em quem quer que viesse a ocupar a Casa Branca. Vociferou um palavrão contra o Congresso. Os seus membros haviam anulado os seus dois últimos vetos e as notícias que lhe chegavam não eram nada favoráveis.

Dava graças a Deus por assim poder escapar à porcaria de uma nova eleição. Como conseguira vencer o pleito de dois períodos presidenciais era para ele ainda um mistério. Havia quebrado todos os tabus preestabelecidos para o sucesso de um candidato. Não só não frequentava igrejas como era um homem divorciado. E, para cúmulo, fumava charutos em público e usava um grande bigode. Nas suas campanhas, ignorava simplesmente os adversários e atingia os eleitores com a veemência dos seus inflamados discursos. Mas foi um sucesso! E essa foi a sua oportunidade. O povo estava farto dos outros simpáticos candidatos, que outra coisa não faziam senão desfilarem sorrindo diante das câmeras da televisão proferindo meros lugares-comuns que a imprensa não pudesse distorcer atribuindo-lhes segundos significados.

Daí a dezoito meses estaria terminado o seu segundo mandato e esse era o único pensamento que o mantinha no posto. O seu antecessor tinha aceitado o lugar de reitor da Universidade da Califórnia. Eisenhower tinha se retirado para a sua fazenda em Gettysburg e Johnson refugiara-se no seu rancho do Texas. Um sorriso aflorou aos lábios do Presidente. Nada desse gênero de velho estadista posto de lado era com ele. Os seus planos incluíam um iate de doze metros deslizando pelas águas do Pacífico Sul. E enquanto lá se encontrasse bebericando o seu rum e tendo a seu lado as jovens nativas de nariz achatado e grandes seios, haveria de ignorar toda e qualquer crise que sacudisse o mundo. Fechou os olhos e quase que podia ver toda essa cena, quando um oficial do seu gabinete abriu discretamente a porta e pigarreou.

— Perdão, senhor Presidente, mas o senhor Seagram e o senhor Donner aguardam-no.

O Presidente fez girar de novo a cadeira e passou a mão sobre uma madeixa espessa de

cabelos prateados.

— Está bem, mande-os entrar.

O seu rosto iluminou-se visivelmente. Gene Seagram e Mel Donner gozavam do privilégio de acesso imediato ao Presidente, a qualquer hora do dia ou da noite. Eles eram os chefes do planejamento da Seção Meta. Consistia esta num grupo de cientistas trabalhando num setor totalmente secreto, em que pesquisavam projetos desconhecidos até então, projetos esses que tinham em vista dar um salto de vinte ou trinta anos sobre os conhecimentos tecnológicos da época.

A Seção Meta havia sido um departamento criado pelo próprio Presidente. Fora concebido durante o seu primeiro ano de governo tendo, para tal, disposto dos seus fundos secretos e ilimitados, além de que foi ele próprio a recrutar o pequeno grupo de homens notáveis e dedicados que constituíam o seu núcleo central. Sentia-se por isso muito orgulhoso com essa sua idéia. Nem a própria CIA nem a Agência de Segurança Nacional tinham conhecimento da sua existência. Sempre fora um sonho seu oferecer todo o seu apoio a uma equipe de homens que pudessem dedicar o seu saber e talento a novos projetos, projetos extraordinários, mesmo que as possibilidades de alcançarem êxito estivessem na proporção de um para um milhão. O fato de a Seção Meta ainda nada ter produzido ao cabo de cinco anos não lhe suscitava qualquer problema de consciência.

Os apertos de mãos não eram habituais entre eles, mas apenas um "*hello*" cordial. Seagram abriu então uma maleta de couro já muito gasta e retirou de dentro uma pasta com fotografias aéreas. Dispôs-las na secretária e apontou para várias áreas dessas fotografias, metidas em coberturas transparentes, sinalizadas com círculos.

— Trata-se da região montanhosa da ilha do Norte da Nova Zembla, situada no arquipélago a norte da Rússia Continental. Todas as indicações do nosso satélite localizaram essa área como tendo uma leve possibilidade...

— Raios! — murmurou o Presidente com suavidade. — De cada vez que descobrimos algo é certo e sabido que isso está localizado ou na União Soviética ou em qualquer outro sítio inacessível!

Examinou as fotografias e depois voltou-se para Donner.

— A terra é muito grande. Haverá, certamente, outras áreas promissoras, não?

Donner meneou a cabeça.

— Sinto muito, senhor Presidente, mas os geólogos têm tentado localizar o bizanio desde que Alexandre Beesley o descobriu, em 1902. E até agora, que se saiba, não foi ainda encontrado em quantidades com qualquer interesse.

— A sua radioatividade é de tal ordem — disse Seagram — que há muito desapareceu da terra, restando dele apenas ínfimas quantidades. Os pedacinhos utilizados nos nossos ensaios resultaram da união de pequeníssimas partículas reunidas artificialmente.

— E não poderiam, então, a partir desses métodos artificiais, fabricar a quantidade de que necessitam? — perguntou o Presidente.

— Não, senhor — respondeu Seagram. — As partículas que produzimos utilizando um acelerador de grande potência não duraram mais que dois minutos.

O Presidente recostou-se nas costas da cadeira e fixou Seagram.

— Qual a quantidade de que precisariam para completar vosso projeto?

Seagram olhou para Donner e de novo para o Presidente.

— Certamente compreende, senhor Presidente, que ainda não passamos da fase de estudo...

— Mas de que quantidade precisam? — repetiu o Presidente.

— Talvez pouco mais de duzentos gramas.

— Compreendo.

— Essa seria a quantidade necessária apenas para provar a nossa teoria — acrescentou Donner. — Seriam necessários mais cinco ou seis quilos para instalar um sistema completo de

segurança nos pontos estratégicos das nossas fronteiras.

O Presidente enterrou-se ainda mais na poltrona.

— Nesse caso, penso que o melhor é abandonar o nosso projeto e pensar em outra coisa.

Seagram era um homem alto e magro, com voz calma e maneiras cortesias e se não fosse o seu grande e achatado nariz poderia passar por um Lincoln sem barba. Donner era exatamente o oposto: baixo e gordo, parecia quase quadrado. Tinha cabelos cor de trigo, olhos melancólicos e parecia estar sempre suando no rosto. Começou então a falar, rápido como uma metralhadora.

— O Projeto Siciliano alcançou uma importância demasiado significativa para que possa ser agora enterrado e esquecido. Pela minha parte, proponho firmemente que prossigamos. Continuaremos a trabalhar sob o máximo sigilo, dentro de um circuito fechado e se formos bem sucedidos... meu Deus, os resultados serão incomensuráveis!...

— Estou de acordo com as vossas sugestões — disse o Presidente calmamente.

Seagram respirou profundamente e começou:

— Primeiramente, precisaríamos da vossa autorização para construir as instalações próprias; em segundo lugar, dos fundos necessários e, por fim, da colaboração da Agência Nacional Marítima e Submarina. O Presidente olhou interrogativamente para Seagram.

— Compreendo os dois primeiros pontos abordados, mas já não percebo para que precisam do apoio da NUMA. Qual seria o seu papel?

— Teremos de fazer entrar secretamente os geólogos na Nova Zembla. E uma vez que se trata de ilhas, uma expedição oceanográfica da NUMA seria a perfeita cobertura para a nossa missão.

— Quanto tempo levará a experimentar, construir e instalar o dito sistema?

Donner não hesitou:

— Dezesesseis meses e uma semana.

— E antes de disporem do bizanio, até onde poderiam ir as vossas pesquisas?

— Até o último estágio — respondeu Donner.

O Presidente reclinou-se para trás e olhou para o relógio de bordo colocado sobre a pesada escrivaninha. Ficou silencioso durante um longo minuto. Por fim, disse:

— Mas, segundo bem percebi, os senhores pretendem que eu financie um projeto de muitos milhões que ainda não foi ensaiado e ainda menos provado: um complexo sistema que poderá não ter viabilidade por nos faltar o material mais importante, material esse que ainda por cima temos de surripiar a uma nação inimiga.

Seagram remexeu nervosamente nos seus papéis, enquanto Donner se limitou a confirmar com a cabeça.

— Sugiro que me digam — continuou o Presidente — como poderia eu explicar a existência dessas sofisticadas instalações situadas ao longo do perímetro da nação a um qualquer impertinente congressista que se pusesse a investigar tal assunto.

— O que torna o projeto altamente interessante é precisamente isso — disse Seagram. — As instalações são pequenas e compactas. Os computadores mostraram-nos que uma construção do tipo de uma pequena estação geradora será suficiente para os nossos fins. Nem os satélites russos que nos espiam nem qualquer fazendeiro vizinho notarão alguma coisa fora do normal.

O Presidente coçou o queixo.

— Mas por que razão querem vocês lançar-se de corpo e alma no Projeto Siciliano, ainda antes de estarem cem por cento preparados?

— Na verdade é um risco — disse Donner. — Estamos nos arriscando a não conseguir encontrar um processo que possa produzir bizanio artificialmente e até talvez nem descobramos um local na Terra de onde seja possível extraí-lo.

— Mas mesmo que isso demore dez anos... — interrompeu Seagram — as instalações ficam preparadas e à espera. A nossa única perda será de tempo.

O Presidente levantou-se então.

— Podem contar com a minha aprovação para esse projeto de ficção científica, mas com

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

